

Resenha- Por que Roudinesco ?

Virgínia Heine *

No livro *Por que a psicanálise?*, Elisabeth Roudinesco explica porque a psicanálise é a solução mais eficaz contra a sociedade depressiva que caracteriza o mundo atual, apesar de suas dificuldades institucionais internas e das críticas pelas quais vem sendo submetida ao longo do século. Através de uma análise lúcida e de uma linguagem clara, o livro convida o leitor, seja ele psicanalista ou não, a pensar nossa sociedade, nosso tempo, nossos padrões culturais e de comportamento. Neste sentido, o trabalho de Roudinesco é um ensaio de cunho não especificamente psicanalítico, mas também sociológico, histórico e filosófico.

In the book *Why psychoanalysis?* Elisabeth Roudinesco explains the reasons why the psychoanalysis is the most effective solution against the depressive society of our actuality, even with the difficulties inside its institutions or the criticism about it. Through a clear and lucid analysis, the author invites the reader to think about our society, our time, culture and behavior. This book does not only concern about psychoanalysis, but also sociology, history and philosophy.

Elisabeth Roudinesco é extremamente feliz na escolha do tema que desenvolve neste livro, num momento em que o imaginário se debruça sobre a dupla passagem, do século e do milênio. Ela tira a psicanálise da intimidade dos settings, a livra das inflamadas discussões teórico-científicas, e a traz para a história. Através de questionamentos a respeito da sociedade contemporânea, formadora de “deprimidos” ávidos de normalização farmacológica, ela desloca essa perspectiva patológica do sujeito para a própria sociedade; ou seja, não é apenas o sujeito quem está deprimido, mas a sociedade em si é depressiva. Uma sociedade obcecada pela padronização de comportamentos e de crenças voltadas para a normatização de atitudes diante dos pretensos padrões de normalidade. Espaço em que os afetos da alma passaram a ser explicados apenas por substâncias químicas, funções cerebrais e respostas biológicas. Neste contexto a palavra passa a ser substituída por medicamentos: promessa de felicidade concentrada em pílulas do prazer, destinadas a indivíduos massificados.

No sincero e breve prólogo, uma justificativa emocionada apesar de enxuta das razões que a fizeram escrever o livro, Elisabeth Roudinesco já se posiciona diante do uso de psicotrópicos. Longe de trazer uma crítica radical sobre a utilização de medicamentos, o que é posto em debate é o modo como eles são utilizados. Através de uma interpretação genial, Roudinesco descreve um momento histórico, a partir das crenças que são depositadas em tais pílulas do prazer. Num mundo de valores utilitaristas e urgentes, passa a ser mais apropriada a crença numa fórmula química do que no manejo das relações regidas pela linguagem. Baseada em argumentos fundamentados numa visão analítica requintada, ela prevê a permanência da psicanálise nos tempos que estão por vir; apesar das críticas e de tentativas em contrário por uma perspectiva neurocientífica do psiquismo e do desejo da alma humana. Confirma os resultados favoráveis da psicanálise, a partir da experiência clínica; além de relacioná-la a uma prática de caráter libertador e democrático: “A psicanálise atesta um avanço da civilização sobre a barbárie. Ela restaura a idéia de que o homem é livre por sua fala e de que seu destino não se restringe a seu ser biológico”. Porque, como ela mesma afirma, felizmente, não há pretensão científica que ponha termo à subjetividade humana.

O ensaio é dividido em três grandes partes. Na primeira, é feita uma distinção entre indivíduo e sujeito. O indivíduo é o advento do comportamento farmacológico, habitante de um mundo regido pelo pensamento neurocientífico, ansioso por se enquadrar nos mais recentes moldes de “normalidade” e “felicidade”. O indivíduo é monolítico e não pode sofrer. Já o sujeito, como é percebido pela psicanálise, é movido pela angústia inevitável do conflito. Este sujeito do inconsciente é permanentemente faltoso, desejante e singular. Um sujeito que não pode ser descrito pela quantidade de substâncias produzidas por seu funcionamento cerebral. Pretendendo negar a dinâmica da existência, o homem comportamental vive ansioso por consumir a idéia de felicidade; mas não pode evitar a contingência de se deprimir. É quando então, diagnosticado como um portador da

patologia depressiva, lhe são prescritos os psicotrópicos, com a garantia da eliminação da doença. Para Elisabeth Roudinesco, quem está deprimida é a sociedade contemporânea, já que é veiculadora do consumo de padrões de normalidade, confirmados por uma ciência neuronal e farmacológica, que submete o psiquismo e suas implicações existenciais às respostas exclusivamente neurobiológicas.

Na Segunda parte do livro, a autora fala do inconsciente, lembrando que antes de Freud, desde a Antigüidade, quando já havia a interrogação sobre uma atividade psíquica diferente da consciência, ou mais tarde com Descartes, através da idéia de razão e desrazão, abordavam-se noções de inconsciente. A primeira psiquiatria dinâmica acreditava que a consciência era ameaçada por forças destrutivas, originárias de um inconsciente metafísico. A filosofia alemã do século XIX também abordou a idéia de um inconsciente influenciado pela concepção romântica de aspectos noturnos da alma. Mas foi com Freud que surgiu a concepção de um inconsciente dinâmico, psíquico e afetivo, organizado em instâncias próprias: o eu, o isso e o supereu. Uma idéia de inconsciente que tirou o homem de um estado de alienação próximo a de um “animal insensato” e temível, “estranho a si mesmo”, que precisava ser moralmente cuidado. Mas também, ao mesmo tempo, o retira do lugar central do mundo. Deixa de ser senhor absoluto e passa a padecer desta ferida narcísica; o que, entretanto o caracteriza como um sujeito livre, dotado de razão, só que de uma razão que não é única, mas que “vacila no interior de si mesma”. E, segundo Roudinesco, a psicanálise foi a única ciência do século XIX que associou a teoria do psiquismo a uma filosofia de liberdade. O homem passou a ser sujeito de seu destino, de suas escolhas, de suas incertezas e de seus conflitos; mesmo que, e apesar disso, permanentemente faltoso, incompleto, por não poder domar seu próprio inconsciente.

A terceira e última parte do livro situa a psicanálise no panorama científico, embora a partir de um recorte epistemológico, distinguindo-a da visão dogmática do que chama de uma nova mitologia científica. O intuito é de, finalmente, esclarecer a sobrevivência da psicanálise no século que surge e na história. Mas Roudinesco não deixa de lançar um olhar crítico às tentativas de congelamento dogmático no interior da prática e das instituições psicanalíticas. Para isso, enfatiza a necessidade de se repensar o tratamento-padrão, isto é, através da “imagem mítica da poltrona e do divã”, rendendo-se à dinâmica do tempo e transformando as relações do enquadre, hoje muito mais voltadas para uma “situação analítica” face a face, aos moldes da psicoterapia. Aí Roudinesco atualiza seu pensamento face às questões do mundo contemporâneo e das necessidades de um novo sujeito. A ruptura com um modelo intocável, como pretenderam as antigas gerações de psicanalistas, é inevitável e irreversível. Mudaram os pacientes e mudaram os psicanalistas. E não pode ser de outro jeito, porque os pacientes dos nossos dias, impregnados que estão do niilismo contemporâneo, apresentam distúrbios narcísicos ou depressivos, sofrem de solidão e de sintomas de perda de identidade, o que os distancia dos longos tratamentos à moda antiga. Com poucos recursos financeiros e refratários ao dispositivo transferencial, procuram encarar a psicanálise como remédio e o analista como um “receptáculo de seus sofrimentos”, assim como a economia de mercado os trata como mercadoria. Neste panorama, as novas gerações de psicanalistas, que Roudinesco situa mais especificamente na França - mas que ocorre como um fenômeno internacional, que conta com psicanalistas ou psicoterapeutas de diversas fontes de orientação teórico-prática - aspiram a uma renovação do freudismo, estando abertos a todas as formas de psicoterapia, tendo sempre a psicanálise como modelo de referência. Eis a atitude que marca a sobrevivência da psicanálise na atual sociedade depressiva, cuja função é a de se contrapor e tentar conter, no futuro, esse verdadeiro desastre que representa o niilismo contemporâneo. E isso tudo só é possível graças à abertura das novas gerações de psicanalistas em relação à filosofia, à psiquiatria e às psicoterapias; sempre procurando dar um sentido aos conflitos que surgirão na própria dinâmica da sociedade depressiva. Roudinesco critica a postura científica, cuja pretensão de ser a única portadora do rigor e da verdade, só a levam à ilusão cientificista, tal como uma espécie de nova mitologia, uma abstração dogmática, ou uma teologia repressiva, que quer ocupar o lugar de Deus. A partir daí opõe o cientificismo policialesco da normatização do pensamento às ciências

propriamente ditas, ancoradas numa história e nos modos de produção do saber. Distingue as ciências entre formais (lógica, matemática), naturais (física, biologia) e humanas (sociologia, psicologia, antropologia, psicanálise). As ciências humanas compreendem os comportamentos individuais ou coletivos a partir das categorias fundamentais da subjetividade, do simbólico e da significação. Entretanto, estas divergirão entre a eliminação destas categorias, reduzindo a realidade humana aos modelos físico-químicos, biológicos ou cognitivos, e a manutenção da subjetividade, do simbólico e da significação como estruturas universais. Mesmo que Freud tenha se visto tentado a integrar a psicanálise às ciências da natureza, ele jamais o fez exatamente porque acabou elaborando um modelo especulativo, aos moldes da filosofia metafísica, que denominou de metapsicologia, onde se inscrevem conceitos como o de inconsciente, pulsões, recalçamento, narcisismo, o eu, o isso. Foi a metapsicologia que garantiu à psicanálise um status específico, capaz de opor o *homem trágico*, paradigma da consciência moderna, ao *homem comportamental*, cérebro-máquina imaginado pelos adeptos do cientificismo. Protagonizado por Édipo e Hamlet, o homem trágico é a reinterpretação de Freud sobre as narrativas fundadoras, sem a qual, afirma Roudinesco, Édipo seria apenas um personagem de ficção e não um modelo universal do funcionamento psíquico, um “complexo”, uma “organização”, em torno da qual se estrutura a família ocidental. E continua brilhantemente afirmando a autora que se Freud não tivesse inventado a pulsão de morte, provavelmente estaríamos privados de uma “representação trágica dos desafios históricos que a consciência moderna tem de enfrentar”; enquanto a psicologia se perderia na formulação de um indivíduo raso, despreparado para os conflitos e para a existência do irracional, porque encerrado no modelo físico-químico.

Fundamentada na idéia iluminista de um sujeito dotado de razão, inspirada numa concepção romântica (filosofia alemã) do inconsciente e nas descobertas da psicologia experimental de Wundt, herdeira da ideologia libertária do judaísmo, responsável por associar uma filosofia da liberdade a uma teoria do psiquismo, a psicanálise freudiana “foi, de certo modo, um avanço da civilização contra a barbárie”. Instalou-se sem deixar nenhum resíduo possível a favor de qualquer ideologia de cunho racista ou que pretendesse destruir a idéia das diferenças, apesar da esclerose de suas instituições e dos ataques que vem sofrendo da comunidade científica de orientação físico-química, biologista e cognitivista. Ela ainda é uma importante resposta humanista ao niilismo e à “surda selvageria” de uma sociedade depressiva, “que tende a reduzir o homem a uma máquina desprovida de pensamento e afeto”.

Roudinesco faz uma interessante associação entre Freud sua teoria e seu tempo, assim como o faz em relação a alguns dos seus mais importantes leitores, representantes de diferentes culturas, como Melanie Klein, Kohut e Lacan. Diz que a psicanálise nasceu no bojo da sociedade vienense, marcada pelo declínio da função paterna, onde a revalorização simbólica do pai decaído, através de uma nova teoria da família, centrada na figura de Édipo, acabou por representar a emancipação da antiga hierarquia e um acesso à liberdade. A teoria kleiniana teve como cenário a sociedade inglesa do período entre-guerras, onde a emancipação feminina refletia um mundo democrático, cuja reflexão sobre o lugar onipresente da mulher na educação dos filhos teve maior importância. Kohut procurou revigorar o freudismo dogmático e pragmático norte-americano, entendendo que os problemas relacionais ligados à evolução da sociedade ligavam-se a um superinvestimento narcísico, mais do que edípico, devido a uma deficiência arcaica nas relações de afeto com a figura materna. Ao contrário, Lacan, segundo a autora o mais freudiano de todos, baseou-se na teoria edípica clássica, nas relações estruturais de parentesco – inspirando-se em Lévi-Strauss – nos princípios da lingüística saussureana – fazendo da linguagem uma condição do inconsciente -, e ainda, renunciando a herança da biologia que Freud aceitara do darwinismo, fez com que a função paterna fosse revigorada. Nessa perspectiva foi que Lacan, em solo francês, criou sua nova tópica (simbólico, real e imaginário) e a teoria da nomeação (Nome-do-Pai), fazendo da paternidade uma construção simbólica.

Roudinesco é extremamente receptiva ao lacanismo, ainda que conserve uma atitude crítica. A partir de um breve histórico do movimento psicanalítico francês, dividido pela

inclusão ou não a IPA, opõe à *ideologia da felicidade* propagada pela cultura da normatização norte-americana a recepção francesa da doutrina freudiana como instrumento crítico de qualquer tentativa de normalização da subjetividade. E, neste cenário, são as novas gerações de psicanalistas, sobretudo os simpatizantes do lacanismo, que poderão lançar mão do sucesso e do desenvolvimento da psicanálise no século que se inicia, exatamente porque, de acordo com a autora, eles são mais permeáveis às transformações e aos desafios doutrinários da psicanálise.

Nesse panorama faz menção aos progressos da psicanálise no Brasil e na Argentina, devido a sua inclusão como disciplina nos currículos universitários. Apesar de relacionar a psicanálise à democracia e destes países terem vivido longo período sob ditadura militar, Roudinesco afirma que tais ditaduras, do tipo “caudilhista” não tentaram *exterminar* o freudismo, na condição de “ciência judaica”, como no nazismo europeu, ou como “ciência burguesa”, como no comunismo do leste europeu.

Dona de uma linguagem clara e de um estilo sedutor, capaz de atrair a todo tipo de leitor, e não somente àquele interessado na área psicanalítica, Elisabeth Roudinesco teve, antes de mais nada, a clarividência de trabalhar um tema de extrema atualidade, e no momento mais propício. Em meio a prolongadas e febris discussões sobre as vantagens ou desvantagens da psicanálise, das psicoterapias, do uso de psicotrópicos, da importância da psiquiatria nosográfica, do DSM e suas “atualizações”, o que ela ensina é que ainda se tem muito a aprender com Freud e a psicanálise, principalmente sobre sua propensão ao diálogo, à liberdade e ao descentramento da verdade. Quando Freud desinteressa-se, por exemplo, da idéia da exclusividade do trauma, contida em sua teoria da sedução, e a substitui pela teoria da sexualidade, passando da prevalência do real para as vicissitudes da fantasia e da pulsão, o que ele faz é dialetizar o conceito de verdade. E o que este livro nos proporciona é relativizar a verdade, a exemplo da psicanálise. No mundo contemporâneo, ágil, massificado, medicalizado, cujos indivíduos aprisionam-se em solidões e carência de identidade, permanecer higiênico, refratário ao desejo, pode significar a decretação da falência do sujeito. Sujeito que é a um só tempo, como enfatiza Roudinesco ao lembrar as descobertas de Freud, livre por sua sexualidade ao mesmo tempo em que é coagido por ela. O inconsciente, as pulsões, a sexualidade, o amor, a agressividade, deslocam o sujeito de uma linearidade impossível, fazendo-o transigir ora aos anseios de sua consciência ora às forças que habitam as profundezas de sua alma. Roudinesco nos convida a repensar, então, a validade dos embates institucionais e do centramento da verdade, sob pena de caminharmos atrás dos rumos da história. As verdadeiras ciências, ciências plurais, são aquelas que conspiram a favor da liberdade, e até por isso a favor da necessidade de transformação, e não de adequação. Roudinesco nos convida, finalmente, a pensar questões de nosso tempo, com a liberdade e a competência da criatividade, porque assim, mesmo que de forma imperfeita – como o próprio homem – poderemos nos livrar da castração higiênica da felicidade programada por um mundo de mentalidades avessas à diferença. Somos convidados a reler as lições possibilitadas pelo campo psicanalítico, e com isso contribuirmos, em nossa atividade clínica, com um redimensionamento mais saudável das novas concepções de subjetividade e de diferença, abafado pela sociedade depressiva.

* Psicóloga clínica e mestre em letras – PUC/RJ
Rua Nascimento Silva, 518 / 202 - Rio de Janeiro
CEP.22421 – 020
tel. (21)259-7142
Avheine@terra.com.br

Roudinesco, Elisabeth. Por que a psicanálise ? Rio de Janeiro, Zahar, 1999, 163p.

Círculo Brasileiro de Psicanálise- Seção RJ
Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504
Rio de Janeiro. RJ. CEP: 22050-002
Tel: 21 - 2236-0655

Fax: 21 - 2236-0279
E-Mail: cbprj@cbp-rj.org.br